



## A festa de Lilith

Alexandre Santos

Conto baseado em texto contido no romance 'Maldição e fé' elaborado em maio de 2008, sobre uma festa que teria acontecido em Olinda sob a inspiração de Lilith.

Naquela noite estrelada, coisas estranhas aconteceram em Olinda e seus arredores. Como que por encanto, em meio a um insistente piado de corujas, a vila se encheu de luxúria e desejos libidinosos afluíram. Do Varadouro à freguesia de São Pedro Mártir, passando por ambas as margens do Beberibe, aquela foi uma noite de loucuras. Todas as fêmeas pareciam estar no cio, despertando o anjo libertino que vive em cada macho. E tudo, rigorosamente tudo, despertou desejos. Um olhar, um pedaço de perna, um lençol estendido no varal. Tudo foi motivo para o escancarar das vontades. E, naquela noite, Olinda viveu um malicioso festival da carne, como se fosse uma vila pagã sem os limites da palavra de Deus.

Na freguesia da Sé, o alto do morro explodiu em inédita crápula. Estalagens receberam casais inesperados, homens casados se serviram de meretrizes afamadas, raparigas casadoiras cederam surpreendentes carinhos, chegando a levantar as saias e baixar as calças para sentar e se esfregar lascivamente em namorados acesos, noivas se deixaram penetrar pela frente e por detrás, teve até um caso de uma mulher que, com uma espécie de uivo, puxou o marido ao quintal e, sob a luz cheia, abaixou-se e beijou e lambeu-lhe o falo até sentir seu homem derreter-se em jorros de prazer, fraquejando as pernas.

Virgindades foram cedidas, uns casamentos foram apressados e outros, desfeitos. Mãos salientes bolinaram montanhas e vales nunca percorridos. Na Ribeira, longe dos maridos, senhoras de engenho se serviram de caseiros espantados ou recorreram ao chamego com as negrinhas chamadas solenemente desde a senzala. Membros foram amolegados com sofreguidão, línguas se cruzaram em jogos inimagináveis, vaginas úmidas foram tocadas, nádegas balouçantes foram apalpadadas, seios de todos os tamanhos foram lambidos e sugados, rapazes e donzelas se acariciaram mutuamente, velhos e velhas devassaram janelas em busca de lembranças perdidas no tempo.

Nada escapou ao vendaval de luxúria que varreu a vila. Nas ruas e becos, o sexo correu frouxo.

Mendigas foram atacadas por furriéis sequiosos e, igualmente sequiosas, os atacaram com avidez. Na bica dos Quatro Cantos, uma escrava, até então recatada, se deu por inteira ao alferes que, feito um louco, abandonara a ronda noturna para desfrutar de seus prazeres. Até a beata Mariinha, uma santa mulher dedicada exclusivamente aos mistérios da Igreja, resolveu entregar-se às últimas conseqüências ao sacristão Manuel, que, até então, só se deliciava mergulhando fundo em seu volumoso traseiro.

Pelos telhados da vila, gatos perseguiram gatas repentina-mente almiscaradas. No chão, sem ligar para a escuridão da noite, cães engataram cadelas e galos soltaram a garganta, anunciando a virilidades às galinhas das redondezas.

Na Igreja da Misericórdia, enquanto, nos aposentos especiais, o visitador da Santa Inquisição sonhava com meninos rechonchudos e sorridentes, verdadeiros anjinhos que deixavam-no fazer todo tipo de perversão, no pavilhão dos internos, coroinhas sofriam nas mãos dos noviços, que sofriam nas mãos dos padres, que sofriam nas mãos dos superiores, que sofriam nas mãos sabe-se lá de quem.

Tudo no maior silêncio, no maior respeito e na maior devoção.

(\*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste do Brasil.